

KÁTIA FRANCIELE CORRÊA BORGES



Santa, Esposa-mãe e Professora

KÁTIA FRANCCIELE CORRÊA BORGES



Santa, Esposa-mãe e Professora



Montes Claros
2013

REITOR

Professor João dos Reis Canela

VICE-REITORA

Professora Maria Ivete Soares de Almeida

DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES

Humberto Velloso Reis

DIRETORA DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Eliane Ferreira da Silva

DIRETOR DA EDITORA UNIMONTES

Professor Antonio Alvimar Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Imprensa Universitária/Unimontes

DIAGRAMAÇÃO

Bernardino Mota

EDITORA UNIMONTES

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Sílvio Guimarães - Medicina. Unimontes.
Prof. Hercílio Mertelli - Odontologia. Unimontes.
Prof. Humberto Guido - Filosofia. UFU.
Prof.ª Maria GERALDA Almeida. UFG
Prof. Luis Jobim - UERJ.
Prof. Manuel Sarmento - Minho - Portugal.
Prof. Fernando Verdú Pascoal. Valencia - Espanha.
Prof. Antônio Alvimar Souza - Unimontes
Prof. Fernando Lolas Stepke. - Univ. Chile.
Prof. José Geraldo de Freitas Drummond - Unimontes.
Prof.ª Rita de Cássia Silva Dionísio. Letras - Unimontes.
Prof.ª Maisa Tavares de Souza Leite. Enfermagem - Unimontes.
Prof.ª Siomara A. Silva - Educação Física. UFOP.

REVISÃO LINGÜÍSTICA:

Thays Neves Gonçalves

CATALOGADO PELA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (DDI)

Borges, Kátia Franciele Corrêa.
Santa, esposa-mãe e professora / Kátia Franciele Corrêa Borges.
– Montes Claros, MG : Unimontes, 2013.

B732s

198 p. : il. ; 18 x 25 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7739-470-8

1. 1. Mulheres - História. 2. Educação feminina. 3. História cultural. I. Título.

CDD 305.4

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126
www.unimontes.br
editora@unimontes.br

Filiada à


**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, em algum momento da vida, se viram encaixadas em uma das representações da santa, esposa-mãe e professora. Em especial, minha mãe Maria Aparecida Corrêa Borges

Agradecimentos,

Este livro é a concretização de um desejo e só se efetivou devido ao apoio inestimável de pessoas e instituições que devo mencionar aqui, ainda que correndo certo risco de fazer injustiças com possíveis lapsos.

Esta publicação é uma adaptação do trabalho de dissertação do mestrado do curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS da Unimontes. Grande parte do instrumental de análise empregado no presente livro foi apreendido durante meu mestrado. Assim, de forma geral, sou muito grata a todos os professores do curso de Mestrado pela valiosa formação acadêmica que me proporcionaram. Em especial, devo fazer referência à Sarah Jane Alves Durães e Maria Helena de Souza Ide, professoras do PPGDS que me orientaram.

Devo agradecer aqui, a professora Regina Célia Caleiro por aceitar escrever o prefácio deste livro. E a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, pela concessão de Bolsa durante o desenvolvimento desta pesquisa (2009/2011).

Agradeço ainda a Direção do Colégio Imaculada Conceição pela confiança e apoio na disposição dos seus arquivos para realização da Pesquisa.

Agradeço à Associação Educativa do Brasil - SOEBRAS e às Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE pelo apoio.

Agradeço ao professor e prefeito Ruy Muniz e a primeira dama Raquel Muniz pelo incentivo.

E por fim agradeço aos meus pais (Luiz e Cida) pelo apoio imaterial. E a todos(as) vocês amigos(as) pelas trocas intelectuais e o apoio irrestrito que me deram durante a realização desta pesquisa. Sou muito grata!

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem imploram
Mais duras penas; cadenas
(...)
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas:
Geram pros seus maridos,
Os novos filhos de Atenas.
Elas não têm gosto ou vontade,
Nem defeito, nem qualidade;
Têm medo apenas.
(...)
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas
Serenas (...)

(Chico Buarque . Mulheres de Atenas 1976).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

FIGURA 1	-	Foto da fachada do Colégio Imaculada Conceição no ano 1927	46
FIGURA 2	-	Cabeçalho de Flor do Lácio	54
FIGURA 3	-	Homenagens às alunas Terezinha Machado e Maria Júlia Sepúlveda. ANEXO A	157
FIGURA 4	-	Homenagens às alunas Genoveva da C. Mota, Hilda do Vale. ANEXO A	157
FIGURA 5	-	Homenagens à aluna Maria Aleluia Murta. ANEXO A.	158
FIGURA 6	-	Homenagens às alunas Terezinha Nonato e Berenice Melo. ANEXO A.	159
FIGURA 7	-	Capas de FLOR DO LÁCIO 1956/1957	60
FIGURA 8	-	Poema a Nossa Senhora	85
FIGURA 9	-	Resultado dos Trabalhos em Prol das Missões pelas Alunas do Colégio Imaculada Conceição. ANEXO A	160
FIGURA 10	-	Foto das Alunas Missionárias.	90
FIGURA 11	-	Foto Maria de Lourdes Mourão	100
FIGURA 12	-	Capa de Flor do Lácio: Fascículo nº 4/1944 e Fascículo nº 5/1945..	113

Gráfico

GRÁFICO 1	-	Divisão das regiões de naturalidade das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955	52
-----------	---	--	----

Quadros

QUADRO 1 -	A Imprensa em Montes Claros (1984/1957). ANEXO B	162
QUADRO 2 -	Períodos de circulação da revista FLOR DO LÁCIO	55
QUADRO 3 -	Diretoras e Redatoras de FLOR DO LÁCIO - 1943/45	56
QUADRO 4 -	Autores/as que escreveram matérias para FLOR DO LÁCIO (1943/1945). ANEXO B	168
QUADRO 5 -	Corpo editorial de FLOR DO LÁCIO 1956/57	58
QUADRO 6 -	Autores/as que escreveram matérias para FLOR DO LÁCIO (1956/1957). ANEXO B	171
QUADRO 7 -	Distribuição dos textos de FLOR DO LÁCIO	63
QUADRO 8 -	Seções e subseções de Flor do Lácio 1943/45 E 1956/57. ANEXO B	174
QUADRO 9 -	Distribuição dos textos de FLOR DO LÁCIO conforme representações de perfis femininos	65

Tabelas

TABELA 1 -	Estatística demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1927 a 1937	47
TABELA 2 -	Distribuição por Série das Alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período 1929 a 1939	48
TABELA 3 -	Distribuição por Série das Alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período 1940 a 1957	49
TABELA 4 -	Estatística Demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1942 a 1962	49
TABELA 5 -	Distribuição das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955 e respectivas cidades natais	50
TABELA 6 -	Admissão de professores, por sexo, nas escolas públicas primárias de Minas Gerais de 1830 a 1910	51

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	19
CAPITULO 1 – IMPRESSO, EDUCAÇÃO FEMININA E A MATERIALIZAÇÃO DA REVISTA FLOR DO LÁCIO	29
1.1. Impresso e cultura impressa	32
1.1.1. Os impressos dentro da Igreja Católica: conjuntura histórica (século XIX e primeira metade do século XX)	34
1.1.2. Os impressos e a educação feminina	38
1.2. A cidade de Montes Claros/MG e a Imprensa: um breve contexto histórico e político	39
1.3. Flor do Lácio: um impresso produzido pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG	44
1.3.1. O Colégio Imaculada	44
1.3.2. Apresentando a revista Flor do Lácio	53
1.3.3. Flor do Lácio e sua circulação estratégica	60
1.3.4. Leitura: representações de Flor do Lácio no cotidiano escolar.	62
CAPITULO 2 – EM NOME DO PAI, DO FILHO, DO ESPÍRITO SANTO E DA “VIRGEM MARIA”: AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER-SANTA E DA ESPOSA-MÃE	67
2.1. Mulher – a santa, a esposa prendada e a mãe abnegada	70
2.2. Flor do Lácio: o Culto a Virgem Maria e a representação da mulher santa	78

2.2.1. A prática da caridade e da beneficência: missão de salvar alma e construir uma vida santa	86
2.3. Flor do Lácio: a construção da representação da esposa-mãe	91
2.3.1. Flor do Lácio: esculpindo corpos e refletindo sobre os valores da vida	99
CAPITULO 3 – FLOR DO LÁCIO: CONSTRUINDO E TRANSFORMANDO MENINAS/MULHERES EM PROFESSORAS	103
3.1. A educar e instruir meninas/mulheres professoras: refletindo a história	106
3.2. De normalistas a professoras e o dever de servir a Deus e a Pátria	110
3.2.1 Flor do Lácio e produção da representação professora como mãe das alunas – figura bondosa e carinhosa	118
3.3. Flor do Lácio: veiculando ideias e conceitos pedagógicos na construção da professora moderna	123
CONCLUSÃO	137
FONTES	144
REFERÊNCIAS	144
APÊNDICES	151
ANEXOS	155

PREFÁCIO

Percorrer o caminho da História das Mulheres requer dos pesquisadores cautela e muita sensibilidade. É caminho sinuoso, entrecortado de veredas quase invisíveis, cujo acesso é muitas vezes interditado pela burocracia institucional e também pelo despreparo de quem pretende seguir por esse caminho sem a persistência que difere os bons dos maus pesquisadores. Apesar da promessa de que o século XX anunciava o triunfo da ciência sobre o sobrenatural, tal triunfo não ocorreu e a religiosidade persistiu e sobreviveu, não sem enfrentamentos.

Quanto às mulheres, das normas higienizadoras divulgadas pelas autoridades médicas, ao recato e boa educação no convívio social, o ideal comportamental mariano permeou a conduta feminina desejável e influenciou sobremaneira a educação feminina. Embora o ideal mariano tenha sofrido remodelações desde o advento do cristianismo no Ocidente, a devoção à Imaculada Conceição retrata o sentimento promulgado pela elite dirigente da época, que valorizava os ideais de pureza, castidade e maternidade. A escolha da Virgem Maria como figura de exemplaridade comportamental realizou a um só tempo o ideal da castidade e da maternidade em perfeito acordo com uma sociedade de caráter patriarcal e de valores comungados pela burguesia em ascensão.

Com estes pressupostos, Kátia Franciele Corrêa Borges percorreu a história das mulheres que estudaram no Colégio Imaculada Conceição na cidade de Montes Claros. A revista *Flor do Lácio* foi uma fonte preciosa e muito bem analisada pela pesquisadora para revelar as representações femininas nestes periódicos. Documentos inéditos, esses periódicos abriram as portas ao conhecimento das práticas educacionais em um colégio religioso do norte do estado de Minas Gerais. O livro mostra a importância dos impressos para a adequação das alunas ao comportamento exigido pela elite tanto local quanto nacional.

No Brasil e em Montes Claros, o modelo feminino ideal: virgindade, casamento, o papel de rainhas do lar é retratado pela autora em suas diversas formas de adequação; corpo e alma esculpidos e talhados para servir à sociedade cristã e burguesa.

Moças educadas, instruídas para o comando do lar e, caso aspirassem a uma profissão, apenas um caminho era bem visto, o de professora, figura que personificava a bondade e o altruísmo, conforme o modelo pedagógico do período.

Kátia Franciele nos brinda com uma análise acurada destes modelos e

também com belas imagens das revistas Flor do Lácio, nelas as “meninas em flor” do Colégio Imaculada Conceição.

Belo livro que não abre mão da historicidade, desafia as reflexões dos leitores e brinda a todos com uma escrita permeada pelo rigor acadêmico mas também da sensibilidade evidente de sua autora.

Regina Célia Lima Caleiro

INTRODUÇÃO

No estudo da História da Educação Brasileira, a história das representações de gênero nos espaços educacionais está inserida em perspectivas analíticas das mais diferentes, como, por exemplo, as relações sociais que se estabeleceram entre religião católica e educação feminina, particularmente, nos mecanismos e meios utilizados para a formação de um modelo ideal feminino durante a primeira metade do século XX.

No referido período, diversos movimentos político-sociais e correntes de ideias, iniciados ainda no final do século XIX, como, por exemplo, o nacionalismo, modernismo, liberalismo, entre outros, estavam em curso na sociedade brasileira influenciando diversos setores da sociedade, entre eles a educação. A educação, durante a Primeira República foi vista por seus *entusiastas*, inclusive aqueles pertencentes à doutrina católica, como um caminho para progresso (NAGLE, 1976).

Dentro dessa conjuntura sócio-histórica, Souza (2003) reporta que a Igreja Católica comandou um processo de *romanização do catolicismo*, que também teve início no século XIX e se estendeu para o século XX. O objetivo dessa *romanização* consistia em combater o processo de mudança cultural que estava ocorrendo na Europa (*laicização, desencantamento e secularização* – consequência do iluminismo e do materialismo filosófico), assim como também, enfrentar as *práticas culturais* brasileiras entendidas pelo Vaticano como superstição, ignorância religiosa e primitivismo cultural (SOUZA, 2003).

No tocante às atribuições da mulher, durante o processo de *romanização*, Durães (2002) informa que a Igreja Católica buscou incentivar a presença das mulheres em todos os seus espaços através de três iniciativas: a criação das associações femininas de piedade como Pias e outras, o incentivo de cerimônias litúrgicas diurnas ao invés de noturnas e o incentivo à educação feminina dentro da escola.

Não obstante, influências do *positivismo*¹ e do *higienismo*² buscaram instituir modelos e padrões de comportamentos normatizadores. As concepções desses modelos estiveram presentes durante a segunda metade do século

1 O Positivismo foi uma linha de pensamento sociológica criada no século XIX pelo filósofo francês August Comte. Ele defendeu que toda sociedade deveria possuir, através da ciência, uma ideia imperativa de perfeição, em que a *ordem* e o *progresso* se apresentariam de forma linear. Inspirado pelo comportamento recatado e resignado de Clotilde de Vaux, Comte também apresentou normas de condutas e comportamentos femininos. Assim, a mulher ideal, segundo a ideia positivista, seria aquela que possuísse: superioridade do sentimento sobre a inteligência e altruísmo visto como fonte da felicidade e do dever (COMTE, 1983).

2 O Higienismo, segundo Gois Junior (2002) foi um movimento que surgiu no fim do século XIX e início do XX na Europa tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida humana. No Brasil, médicos, sanitaristas e adeptos desse movimento propuseram prevenir as doenças, aprimorar a saúde, descobrir cientificamente os melhores hábitos para a defesa da saúde individual e coletiva. Para o autor, esse movimento surgiu de “uma nova mentalidade que se propunha a cuidar da população educando e ensinando novos hábitos” (GOIS JUNIOR, 2002, p.47).

XIX e, especialmente, na primeira metade do século XX. Almeida (2007) aponta que o pensamento positivista introduziu concepções sobre obrigações das mulheres, afirmando que estas seriam diretamente responsáveis pelas tarefas do lar e pela educação dos filhos. Segundo Louro (2009, p.454) “os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável”. Dentro desses conceitos a imagem de *mulher ideal* seria aquela que fosse culta, educada, prendada, boa esposa e mãe, enfim estivesse preparada para educar os filhos da nação que precisaria progredir.

Nagle (1976), Carvalho (2001) e Faria Filho (2001) inferem que na década de 1920 emergiu um novo modelo educacional denominado de *escolanovismo* ou *nova escola*. Esse novo modelo foi articulado pelos discursos de um *trinômio indissociável: Educação, Cidadania e República* que tinha como método o ensino centrado no aluno. Tomazzetti (2003) lembra que essa nova metodologia contou com o respaldo dos estudos ligados à Filosofia, à Psicologia e à Ética.

Carvalho (2001) ainda informa que, diante das concepções propostas pelo escolanovismo, duas correntes distintas disputariam pela implementação, na educação brasileira, de suas propostas pedagógicas: *católicos* e *pioneiros*. Conforme Nagle (1976), o fim do regime de *Padroado*, ocorrido pelo advento da *República*, possibilitou ao grupo católico maior autonomia de expansão no território brasileiro, uma vez que diante da ameaça da entrada de ideologias rivais (correntes leigas e protestantes) os católicos também se inseriram numa luta nacionalista afirmando que o Brasil se constituiu como um país católico (NAGLE, 1976).

Nesse ensejo, Manoel (1996) e Nunes (2009) apontam que a Igreja Católica, por meio de suas congregações religiosas, se encontrava em pleno processo de expansão das suas redes de ensino³. Manoel (1996) ainda ressalta que essa mesma Igreja movimentou um discurso justificando a necessidade de redes de ensino católicas. Com isso, conseguiu apoio financeiro de diversas oligarquias (cafeira [SP], ervateira [PR], leiteira [MG], entre outras do território brasileiro). Nunes (2009, p.494) infere que “o interesse da Igreja no campo da educação e o apoio do governo tornaram possível às congregações estabelecerem seus colégios”. Para ela o movimento católico pela educação foi de suma importância para a consolidação da escolarização das mulheres. As escolas para meninas no Brasil “tiveram as religiosas como elementos

3 Essa expansão ocorreu entre os períodos de 1859-1959 (MANOEL, 1996; NUNES, 2009)

fundamentais” (NUNES, 2009, p.491).

A educação no magistério primário foi compreendida como possibilidade de profissionalizar a mulher. Para Almeida (2007, p.83) essa educação foi justificada sob o pretexto de que a mulher seria “a principal responsável pela moralização da família e da pátria”. Assim, essa educação “deveria ser domesticadora para que não transcendesse os limites impostos pelas estruturas sociais”, afirma Almeida (2007, p. 110). Nessa conjuntura, diversas escolas normais, com ensino público ou privado, de caráter leigo ou religioso se expandiram tornando referência para educação e escolarização feminina.

Diante dessa expansão da escolarização feminina ocorreu o aumento da presença feminina nas Escolas Normais e na ocupação da profissão do magistério por mulheres. Esse fenômeno ficou conhecido, na literatura da História da Educação, como o *processo de feminização do magistério primário*. Durães (2002), ao pesquisar o contexto da feminização no Brasil, particularmente em Minas Gerais, constatou que esse fenômeno tratou-se de um processo que não deve ser analisado somente a partir da alteração quantitativa do aumento do número de mulheres, mas também, a partir de um processo que alterou qualitativamente os atributos exigidos ao trabalho docente.

Louro (2009) infere que fatores, como o processo de urbanização; industrialização e ampliação das atividades de comércio; a maior circulação de jornais e revistas; a instituição de novos hábitos e comportamentos; a criação de novos postos de trabalhos masculinos; entre outros fatores, produziram novos sujeitos sociais viabilizando o movimento de feminização do magistério primário. Esse movimento, no entanto não representou um fator isolado no espaço brasileiro, também foi notado na Inglaterra, no País de Gales, no Estados Unidos, na Espanha e em Portugal (LOURO, 2009).

Nesse contexto sócio-histórico, nossos estudos se delimitaram no espaço do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG, fundado em 1907, pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Belaar (Bélgica). Esse colégio foi de fato a primeira instituição de ensino para mulheres com sistema de internato e externato situado nessa cidade. Memorialistas como Hermes de Paula, Urbino Viana e a pesquisadora Elizabeth Carneiro atribuem a esta instituição a responsabilidade pela formação das *moças de família*, ou seja, as moças que pertenciam a denominada *elite montesclareense*. Tal elite seria composta por fazendeiros, comerciantes, advogados, médicos, entre outros. (VIANA, 1916; PAULA, 1957: 2007; CARNEIRO, 2003).

A escolha do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG foi motivada por diversos fatores entre eles se destacariam: o fato de se tratar de um colégio de freiras fundado durante o período de *romanização do catolicismo*; o desejo de pesquisar o ensino normal oferecido no espaço desse colégio e a vontade de compreender como se processou a educação e a escolarização feminina, assim como também as relações sociais nesse espaço.

Tomamos como base os estudos de Louro (2008, p.64) quando afirma que no processo de investigação do espaço escolar “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe [...]”. *A priori* as perguntas que nortearam nossa pesquisa foram: Como se processou o ensino normal para moças no espaço Colégio Imaculada Conceição? Qual seria sua proposta curricular? Quais foram os valores cultivados por este educandário?

Partimos da hipótese de que o ensino no Colégio Imaculada Conceição serviu como base para a construção do papel social da mulher como: *santa, esposa-mãe e professora primária*. Assim, iniciamos nossa busca por fontes documentais como: cadernos de planejamentos, diários de classe, avaliações, enfim tudo que pudesse oferecer pistas sobre o ensino proferido no espaço desse colégio. Entretanto, encontramos nosso primeiro obstáculo: a deteriorização e praticamente a inexistência de algumas fontes. As informações que obtivemos nessa primeira etapa da pesquisa conduziram-nos ao que já havia sido produzido por Viana (1916), Paula (1957:2007) e Carneiro (2003). Desse modo, pouco poderiam contribuir para o *ineditismo* dos estudos que pretendíamos realizar.

Na incessante busca por fontes, tomamos conhecimento da produção do periódico denominado *Flor do Lácio* – uma revista, produzida por alunas e professoras com edições ora semestrais, ora anuais – que circulou nos períodos de 1943/45 e de 1956/1957. Tivemos acesso a seis fascículos: nº 2 de 1943; nº 3 e 4 de 1944; nº 5 de 1945 e dois exemplares sem numeração um do ano de 1956 e outro do ano de 1957. Constatamos, desse modo, que as fontes existiam, mas estavam em *migalhas* e dispersas, no entanto traziam informações precisas e inéditas que poderíamos apoiar nossa hipótese. Assim fizemos o exercício de auscultá-las.

Chartier (1991, p.178) reporta que “toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico”. Assim ao analisar *Flor do Lácio* identificamos conteúdos que se dirigiam

a três perspectivas diferenciadas, ainda que não excludentes, de formação: de *santa (ou religiosa)*, de *esposa-mãe* e de *professora de escola primária*. Para tanto, ora o conteúdo estava direcionado para o exercício da prática religiosa, ora para uma prática docente fundamentada em teorias pedagógicas (científicas), ou ainda, com conteúdos preparatórios para o exercício do papel de esposa e/ou para o exercício da maternidade. Esses conteúdos poderiam propiciar a afirmação total, parcial ou a rejeição da nossa hipótese, ao mesmo tempo em que direcionariam nossos estudos para a análise das representações.

As representações, de acordo com Moscovici (2001, p.45), permite-nos “estudar os problemas da cognição e dos grupos [...]. estudar a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e a gênese do senso comum”. Para Chartier (1991) as representações seriam matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Desse modo, elas estariam inseridas em regimes de verossimilhança e de credibilidade. Sobre este conceito, Hall (1991) lembra que a representação é parte essencial de um processo em que o significado é produzido e trocado entre os membros de uma determinada cultura que envolve o uso da linguagem, dos sinais e das imagens que defendem ou representam coisas. Assim as representações visam preservar vínculos entre membros de um determinado grupo preparando-os para agirem e pensarem de maneira uniforme.

Ao analisar os fascículos de *Flor do Lácio* levantamos as seguintes questões: A quais fenômenos atribuíam-se as representações da *mulher-santa*, da *esposa-mãe* e da *professora primária* presentes em *Flor do Lácio*? Qual seria o público-alvo que esse periódico pretendia uniformizar? Quais as perspectivas sócio-históricas presentes em suas páginas?

Os procedimentos metodológicos para a realização do estudo proposto residiram em três dimensões articuladas entre si: revisão bibliográfica, análise de fontes escritas e impressas e interpretação de fontes orais. Neste sentido, a abordagem foi qualitativa e partiu do “conhecimento hermenêutico e histórico preocupado com o significado e a compreensão dos eventos históricos” e do “conhecimento crítico orientado para a exposição das condições de opressão e dominação” Habermas⁴ (1971, *apud* SANTOS FILHO, 1995, p.35).

A revisão bibliográfica conduziu todo o trabalho desenvolvido neste estudo. Buscamos identificar e compreender teorias e concepções trazidas por autores clássicos e contemporâneos através de livros, monografias, teses,

4 HABERMAS, Jürgen. *Theorie und Praxis*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971a.

dissertações, artigos, revistas entre outros, cujo objetivo consistiu em consultar os materiais bibliográficos, para a constituição do referencial teórico indispensável à sequência das análises.

Na análise das fontes orais baseamo-nos, sobretudo, em Thompson (1998, p.137) quando afirma que “a evidência oral transforma os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’ que contribuem para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. Assim, entrevistamos algumas ex-alunas do Colégio Imaculada Conceição: Clarice Sarmiento e Regina Barroca Peres e a professora – membro da Academia Montesclareense de Letras – Ruth Tupinambá Graça. As contribuições advindas das nossas entrevistas possibilitaram-nos situar o contexto histórico e cultural da cidade de Montes Claros/MG, assim como também a produção e circulação de *Flor do Lácio*.

Todavia, foram as fontes escritas e impressas que nortearam nossa pesquisa. No estudo das fontes optamos pela técnica de Análise de Conteúdo e mantivemos a ortografia da época. De acordo com Bardin (2009, p.40) “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens”. Corroboramos com a autora, sobretudo, quando ressalta que o interesse dessa técnica está na possibilidade de ensino que os conteúdos após analisados podem oferecer seja de ordem psicológica, histórica ou econômica (BARDIN, 2009).

Slenes (1999, p.14) infere que “os títulos, uma vez escolhidos, têm vida própria e impõem-se a seus autores”. Desse modo, o título “Santa, esposa-mãe e professora” foi escolhido porque, além de se impor ele sintetizou as categorias que propusemos analisar. Para compreender o processo que culminou na materialização de *Flor do Lácio* e da *apropriação do seu conteúdo*, dividimos a dissertação em três capítulos.

No Capítulo 1: *Impresso, Educação Feminina e a Materialização da Revista Flor do Lácio* abordamos sobre a cultura impressa; imprensa na Igreja Católica; imprensa e a educação feminina e a imprensa na cidade de Montes Claros. Apresentamos também o Colégio Imaculada Conceição e a revista *Flor do Lácio*. Levantamos alguns motivos que justificariam o surgimento de *Flor do Lácio*, alguns significados e representações construídos por esse impresso; sua relação com o contexto histórico brasileiro; as estratégias de circulação e de apropriação adotadas.

Em Nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e da “Virgem Maria”:

representações da mulher-santa e da esposa-mãe é a discussão do segundo capítulo. Buscamos compreender como se deu o processo sócio-histórico que culminou na representação social da esposa-prendada, da mãe abnegada e da santa e algumas das influências da Igreja Católica na construção de um modelo de representação feminina pautado na imagem da Virgem Maria e na prática caritativa.

No terceiro capítulo - *Flor do Lácio: construindo e transformando meninas/mulheres em professoras*, reflete sobre a história da educação e sobre a instrução das meninas/mulheres no ensino normal. Identificamos expectativas de *Flor do Lácio* na construção do perfil da mestra; amealhamos informações sobre teorias pedagógicas que as professoras modernas deveriam conhecer e confrontamos essas informações com as mudanças histórico-sociais presentes no contexto sócio-histórico brasileiro como: feminização do magistério, escolanovismo, positivismo, higienismo e outros aspectos.

Por fim, o presente livro tem como objetivo apresentar ao leitor uma parte da história cultural da educação em Montes Claros/MG.